



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SOURE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE GEOGRAFIA

EDINALDO TELES DE ANDRADE

**AGRICULTURA FAMILIAR EM COMUNIDADE AMAZÔNICA: Usos da terra e estratégias de produção agrícola no Jaguaró em Ponta de Pedras, Pará.**

SOURE  
2022

EDINALDO TELES DE ANDRADE

**AGRICULTURA FAMILIAR EM COMUNIDADE AMAZÔNICA: Usos da terra e estratégias de produção agrícola no Jaguaró em Ponta de Pedras, Pará.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

Soure  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a).**

---

A553 Andrade, Edinaldo Teles de.  
AGRICULTURA FAMILIAR EM COMUNIDADE  
AMAZÔNICA: Usos da terra e estratégias de produção  
agrícola no Jagarajó em Ponta de Pedras, Pará. / Edinaldo  
Teles de Andrade. — 2022.  
L, 50 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Francivlado Alves Nunes  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Ananindeua, Curso de Geografia, Ananindeua, 2022.

1. Sustentabilidade, Trabalho; Renda. I. Título.

CDD 630.98115

---

**EDINALDO TELES DE ANDRADE**

**AGRICULTURA FAMILIAR EM COMUNIDADE AMAZÔNICA: Usos da terra e estratégias de produção agrícola no Jagarajó em Ponta de Pedras, Pará.**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>o</sup> Dr. FRANCIVALDO ALVES NUNES-  
Orientador - UFPA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. ENILSON DA SILVA SOUSA  
Examinador Interno- UFPA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. MARCELO A. M. VASCONCELOS  
Examinador Interno - UFPA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. BRUNO DE SOUZA SILVA  
Examinador Interno - UFPA

Aos meus pais e a todos os meus irmãos  
por ter me incentivado a realizar esse  
sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para chegar até aqui, e aos meus pais que incansavelmente desde o início do curso viajaram comigo demonstrando todo apoio para que eu pudesse me sentir seguro de que eu não estava sozinho nessa jornada.

Agradeço a minha namorada Jamily e aos meus irmãos, em especial a minha irmã Silvana Andrade, que teve a iniciativa de me inscrever no ENEM e na faculdade, confesso que ela se interessou mais que eu por este vestibular, inclusive foi ela que me falou a respeito deste curso de Licenciatura em Geografia que seria ofertado em Soure.

Também quero agradecer aos amigos que a faculdade me proporcionou a conhecer durante todo o período da graduação, são pessoas que estiveram comigo fazendo trabalhos acadêmicos e também foram boas companhias na hora de sair pra passear um pouco porque a rotina do estudo era cansativa, menciono o nome do nosso amigo Ramon Alves, que infelizmente nos deixou por ser mais uma vítima da violência urbana.

Em nome da UFPA, instituição que tenho prazer em ter estudado, quero agradecer ao meu Orientador, o professor Francivaldo Nunes, que sempre esteve me orientando com toda dedicação, assim como, também agradeço a todos demais professores da faculdade.

Agradeço aos agricultores da comunidade de Jagarajó que me receberam com todo carinho e concederam a entrevista para a construção do meu trabalho.

Eu não poderia esquecer os professores que tive no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, que foram importantes na minha construção como cidadão e na minha educação. Agradeço a professora de Elzalina Moraes, que me inspirou e fez eu me apaixonar pela Geografia. A todas as pessoas das Escolas: DR. Romeu Santos, Dr. Ester Mouta e especialmente da Escola Dalcídio Jurandir que me receberam tão bem durante os Estágios Supervisionados.

Agradeço a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a minha formação acadêmica.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a discutir a importância da agricultura familiar na comunidade de Jagarajó, no município de Ponta de Pedras, no Estado do Pará. A proposta é compreender como se dá a relação da sociedade com o espaço onde exercem suas atividades, além de destacar questões como relações de trabalho e práticas culturais. Percebe-se que a comunidade vem gerando uma agricultura de importância socioeconômica para as famílias locais, pois se trata da principal atividade econômica e base alimentar, onde as formas de uso da terra e a produção ainda buscam manter um equilíbrio entre a terra e o trabalho, com poucas transformações no que diz respeito a técnicas de plantio. Assim, objetiva-se mostrar como a agricultura familiar se configura na comunidade, descrevendo suas características além de atentar também para a importância do seio da cidade de Ponta de Pedras. Constatou-se que os agricultores enfrentam dificuldades tanto para aumentar suas produções, assim como, para ampliar o mercado de compra dos seus produtos.

**Palavra-chave:** Renda; Trabalho; Sustentabilidade.

## **ABSTRACT**

This final paper proposes to discuss the importance of family farming in the community of Jagarajó, on the municipality of Ponta de Pedras, Estate of Pará. The proposal is to comprehend how the relation between society and the space where their activities are made is built, besides highlighting topics such as work relations and cultural practices. It is perceived how the community has been generating an agriculture of socioeconomic importance for the local families, because farming is the main economical activity and food base, where the land's forms of usage and production still search for balance between land and labor, with few transformations regarding the planting techniques. Thus, the objective is to show how family farming is configured in the community, describing its characteristics as well as paying attention to the importance of the heart of the city of Ponta de Pedras. It was found that farmers face difficulties both in increasing their production and in expanding the purchase market for their products.

**Key-words:** Income; Labor; Sustainability.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>Mapa 1</b> - Localização da comunidade de Jagarajó em Ponta de Pedras-PA.....	16
<b>Figura 1</b> - Rodovia PA 154.....	17
<b>Figura 2</b> - Rio Jagarajó.....	17
<b>Figura 3</b> - Feira do agricultor localizado no centro comercial da cidade.....	19
<b>Figura 4</b> - E.M.E.I.F Gabriela de Oliveira Nobre.....	21
<b>Figura 5</b> - Área preparada para receber o plantio de mandioca.....	24
<b>Tabela 1</b> - produção da fruticultura na comunidade de jagarajó.....	30
<b>Figura 6</b> - Melhor produção após acompanhamento técnico.....	31
<b>Gráfico 1</b> - Produção de algumas hortaliças do ano de 2020 e 2021.....	32
<b>Figura 7</b> - Cobertura da leira feita com folhas secas de coqueiro.....	35
<b>Imagem 1</b> - localização das produções agrícolas da comunidade de Jagarajó.....	36

## LISTA DE ABREVIATURA

ADEPARÁ	Agência de Defesa e Agropecuária do Estado do Pará
CEASA-PA	Central de Abastecimento do Pará
CFB	Código Florestal Brasileiro
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CMMAD	Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização para Alimentação e Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LPT,	Programa Luz para Todos
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SEDUC-PA	Secretaria de Educação do Estado do Pará
SEMAGRI	Secretária Municipal de Agricultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. AGRICULTURA FAMILIAR EM OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>3. A COMUNIDADE DE JAGARAJÓ, PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....</b>	<b>15</b>
<b>4. ASPECTOS AMBIENTAIS, ECONÔMICOS E TERRITORIAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>5. O TRABALHO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE DE JAGARAJÓ.....</b>	<b>28</b>
<b>5.1 Os tipos de plantio.....</b>	<b>28</b>
<b>5.2 Produções agrícolas na comunidade.....</b>	<b>29</b>
<b>5.3 Forma de acesso a terra na comunidade, o uso do trabalho familiar.....</b>	<b>32</b>
<b>5.4 As formas de produção.....</b>	<b>35</b>
<b>5.5 A demanda para atender o mercado.....</b>	<b>37</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o Sr. Claudio dos Santos (1939-2022), falecido aos 83 anos de idade, aposentado e residente na comunidade de Jagarajó há 44 anos, este trabalhou por a cerca de 30 anos cortando seringa e palha além de fazer muita farinha, seu trabalho era para garantir a sobrevivência, pois as condições financeiras eram muito difíceis, as pessoas viviam em situação de pobreza. Como se observa o relato do Sr. Claudio dos Santos na entrevista realizada dia 11 de Julho de 2021, este dizia “a gente não tinha nada, a gente era tipo escravo, porque a gente cortava seringa e não via dinheiro, pegava em alimento, uma quarta de café, um quilo de açúcar, pra durar uns quinze dias”. O trabalho dos moradores na comunidade era árduo quando não estavam trabalhando com borracha, estavam trabalhando com carvão, e o principal alimento era através da caça e da pesca.

Nesse período, o Bispo Dom Ângelo Maria Rivato e a benfeitora Nella Ramella, pessoas que foram importantes na construção da comunidade, chegaram e começaram a visitar as pessoas indo de casa em casa incentivando os moradores a trabalharem com a agricultura familiar, como relata na continuação da entrevista do Sr. Claudio dos Santos (1939-2022), “o Bispo me chamou, ele perguntou como era as coisas aqui, ai eu falei e ele me disse assim, bora fazer um negócio eu vou comprar umas terras e tu chama um pessoal pra gente abrir essa estrada pra gente plantar”.

Nas falas do Sr. Cláudio é possível observar que o trabalho da agricultura familiar existia na comunidade, mas trabalhavam apenas para a sobrevivência, poucas famílias residiam na comunidade e boa parte desses moradores morava e trabalhava nas propriedades dos “patrões”, pois nesse período a terra se concentrava nas mãos de uma minoria. Mas a partir das compras de terras realizadas pelo Bispo Dom Ângelo e pela benfeitora Nella Ramella esse cenário socioeconômico passa a mudar, pois os trabalhadores começam a trabalhar e produzir para si, sem que seja preciso destinar parte da produção aos proprietários de terras, essa forma de trabalhar foi a base para posteriormente ser criada uma cooperativa na comunidade.

A agricultura familiar na região amazônica, especificamente na comunidade de Jagarajó no município de Ponta de Pedras, durante bastante

tempo encontrou muitas dificuldades no que diz respeito ao alcance de mercado principalmente na questão de sua produção e comercialização. De acordo com o relato dos moradores, é evidente que na comunidade as culturas de subsistência, como as hortas e as plantações de produtos ao longo de alguns anos reduziram. Partindo dessa premissa, o trabalho tem por objetivo analisar a importância e as dificuldades vivenciadas pelos agricultores locais.

Para Zamith, Albuquerque (2016) a agricultura familiar não significa apenas o trabalho com a terra, mas vai além dessa produção agrícola, pois entre produtor e comerciante há uma troca de experiência comercial que proporciona renda para a sobrevivência mútua. Além disso, quando um desses atores se preocupa com a preservação ambiental, essa relação pode contribuir muito para o desenvolvimento sustentável, pois essa experiência pode ser compartilhada e vivenciada pelos sucessores de suas famílias. Logo o termo agricultura familiar significa trabalho, respeito com a natureza, manutenção da cultura, garantia de alimento para a própria família entre outros.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi realizada na comunidade Jagarajó, que fica localizada no município de Ponta de Pedras, há uma distância de 13 km da sede do município, segundo um dos moradores mais antigos, este nome Jagarajó quer dizer “lugar de onça”. A pesquisa se deu a partir do estudo de caso, durante os meses de setembro, novembro e dezembro de 2020 e no ano de 2021 e 2022, que serviu de roteiro para entrevistar os moradores, a fim de que se obtenham conclusões baseadas em dados de várias famílias, para que seja analisada a importância socioeconômica do trabalho da agricultura familiar e as dificuldades que esses agricultores enfrentam para produzir na comunidade.

Foram utilizadas referências de diversos autores e ainda, algumas legislações, como o Código Florestal Brasileiro, Estatuto da Terra e dados de órgão público, como dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER) e da Secretária Municipal de Agricultura (SEMAGRI) de Ponta de Pedras. Além disso, foram utilizadas imagens de satélite através do programa de Geoprocessamento QGIS para a elaboração do mapa de localização

geográfica da comunidade, e para as áreas que se concentram as diversas culturas de plantio foi utilizada imagem de satélite do Programa Google Earth.

Para a construção do presente trabalho também foram utilizados documentos de diversos autores, como artigos, monografias, cartilhas e dissertação. Em síntese esses materiais abordam o conceito de agricultura familiar, assim como a importância dessa classe trabalhadora para a geração de renda das suas famílias e a garantia da produção dos seus próprios alimentos e sobretudo, a preservação ambiental, isto é, usando os recursos naturais de forma sustentável. Esses materiais são usados como referências para discutir o conceito, a importância e os desafios que os agricultores enfrentam ao longo de muitos anos, mas também sugere alternativas para esses trabalhadores ampliarem a quantidade de suas produções e de comercialização.

Destaca-se que para além dos dados qualitativos obtidos, o presente trabalho se baseia em dados quantitativos, de todos os produtos agrícolas que são produzidos na comunidade de Jagarajó, como aponta Cardoso (1986 apud REIS, 2008, p. 26) que “ao se basear somente em dados qualitativos não se tem enriquecimento das pesquisas e análise, todavia colabora na falta de mais informações técnicas, por isso há essa necessidade de usar diferentes formas de coletas de dados”.

Gostaríamos também de enfatizar, que neste trabalho estaremos utilizando o método etnográfico, que consiste em um composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo, a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado.

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico, a partir de uma inter-relação entre o (a) pesquisador (a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto. Apela, primeiramente, as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 1).

Contudo neste caso, trata-se de adotar alguns procedimentos técnicos próprios da pesquisa etnográfica como a observação e as entrevistas.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro momento procuramos definir o nosso entendimento por agricultura familiar, utilizando reflexões de autores que pesquisaram sobre o tema. A perspectiva é que possamos definir o conceito de agricultura familiar, pois este mediará nossas reflexões ao analisar as experiências de trabalho desenvolvidas na comunidade Jagarajó. Em seguida, vamos apresentar à comunidade, através de uma descrição de sua organização interna e das inter-relações entre os espaços e suas funcionalidades. Desse modo, apresenta-se o objeto de estudo, onde também, descrevem-se as experiências vividas em contato com a comunidade, momentos dos quais deram origem a trajetória de interação entre pesquisador e comunidade, configurando-se, o tema da presente pesquisa.

As duas primeiras partes do trabalho devem orientar a análise das questões observadas. Nesse caso, para um terceiro capítulo, a partir do referencial da comunidade, inicia-se uma análise das questões relacionadas à agricultura familiar, levando em consideração as práticas em torno dos produtores agrícolas na comunidade. Destacando que as atividades agrícolas representam a principal fonte de renda da população local, e que mesmo necessitando de um assistencialismo proveniente, em determinados momentos de políticas públicas para melhorar sua produção, dificilmente são assistidas por políticas do Governo Federal de incentivo ao pequeno agricultor. Também será dada ênfase na relação da comunidade com o espaço modificado através da relação homem e natureza intermediada pelo trabalho, isto é, o modo de vida das pessoas que trabalham e residem na comunidade.

## **2. AGRICULTURA FAMILIAR EM OBSERVAÇÃO**

A importância da agricultura familiar vem contribuindo para o desenvolvimento do Brasil e vêm sendo amplamente discutido e ganhando força ao longo do tempo, impulsionado, principalmente, pela concepção de desenvolvimento duradouro, geração de emprego e renda, segurança alimentar e desenvolvimento local (BEZERRA, SCHLINDWEIN, p. 4 apud FAO/INCRA, 2000).

A agricultura familiar também está intimamente atrelada à dimensão de território, que enquanto fundamento físico, perpassado pelas questões ambientais expressas na quantidade e qualidade dos recursos naturais

existentes e disponíveis ao manejo e apropriação antrópicos, como também enquanto propriedade, no que toca às condições de acesso e manutenção da terra. Sublinha-se que o território será aqui entendido também como produto das relações sociais construídas assim como também é o lugar em que se comercializam e preservam suas tradições (MENDES et al, 2015, p. 3).

É preciso então mencionar os aspectos geográficos importantes como a paisagem, o lugar, o território e o espaço que formam as categorias da representação e construção da ideia de mundo da Geografia. “A perspectiva é passar da descrição do visível da paisagem (o plano do sensível na Geografia) à compreensão da estrutura invisível do espaço (o plano do inteligível)” (MOREIRA, 2007, p. 109).

A agricultura familiar é caracterizada pela relação entre terra, trabalho e família. No entanto, é preciso compreender o conceito de agricultura familiar, que para Abramovay (1997 apud SALVOD, CUNHA, 2010, p. 26), corresponde “aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento”. Ao se falar em trabalho e as questões a ele agregados é necessário salientar que a partir da produção e comercialização dos cultivos agrícolas, provém renda familiar, procedência dos alimentos consumidos e manutenção da unidade familiar como ressalta Dantas:

Nesse sentido, poderia se entender que a manutenção da unidade familiar como a não fragmentação excessiva da unidade produtiva, (propriedade), que é familiar, e/ou a permanência do grupo familiar no território, com a não fragmentação da família por meio de processos migratórios ou, pelo menos, a não extinção da presença daquele núcleo familiar em seu território original ao longo das gerações, mesmo com a dispersão espacial de alguns de seus representantes, (DANTAS, 2011, p.13).

Essa concepção de propriedade mediada pelo trabalho familiar é o que observamos na comunidade de Jagarajó, como destacamos posteriormente.

De acordo com a Lei Federal n. 11.326, de 24 de julho de 2006, no artigo 3º(BRASIL, 2006), também são destacadas como principais características para se enquadrar como agricultores familiares: primeiro; não possuir área maior do que quatro módulos fiscais; segundo, a mão de obra utilizada nas atividades econômicas ser predominantemente familiar; e terceiro, o maior

percentual da renda ser obtido das atividades econômicas do estabelecimento. Assim como agricultura familiar tradicional entendem-se, neste estudo, os agricultores enquadrados na Lei Federal 11.326, de 24 de julho de 2006, não pertencentes à reforma agrária.

Ao apresentar as atuais políticas públicas para o meio rural pretendemos fazer algumas considerações no sentido de destacar a importância e contribuição das mesmas no combate a pobreza, no desenvolvimento e na manutenção do homem no campo. Além disso, também atentar-se para a estratégia de reprodução e produção do trabalho familiar, como aponta Alves (2022).

Na região amazônica, a organização do trabalho familiar é uma estratégia de reprodução que pode adotar distintas configurações, estando associada a fatores limitantes ligados aos recursos naturais, mão de obra disponível, disponibilidade de recursos financeiros, apegos e valores tradicionais, além de a divisão do trabalho estar diretamente relacionada à composição da família, pois, independentemente da idade ou do gênero, todos trabalham (ERAZO; SILVA; COSTA, 2020 apud Alves 2020, p. 115).

É nos fatores como de, mão-de-obra disponível, divisão do trabalho e a falta de recursos financeiros que muitos agricultores ainda utilizam técnicas consideradas rudimentares para produzir em suas lavouras, mas a partir do momento que o agricultor sai do trabalho informal se regularizando, ele tem mais facilidade para conseguir empréstimos para investir na sua terra melhorando as técnicas e estratégias de sua produção agrícola.

É importante também destacar que estudos sobre os camponeses surgem na perspectiva de interferir o avanço do capitalismo pelas formas de ação social coletiva, estas por sua vez tem o objetivo evitar a desorganização social, a exploração econômica e a depredação sociocultural que são causadas por o avanço capitalista nas comunidades rurais (GUZMÁN; MOLINA, 2005), justificando assim o interesse deste trabalho pela temática em questão.

Por essa coletividade entende-se então que a agricultura familiar apresenta um caráter de cuidado com o solo, fazendo o uso da terra de forma sustentável, ou seja, de modo que seus descendentes possam se beneficiar futuramente desses recursos. E é aqui que reside um dos principais objetivos deste trabalho, ou seja, dar destaque a experiência da relação do homem com

a terra, mediada pelas experiências de uma agricultura familiar. (ABRAMOVAY, 1997).

Desse modo, é necessário salientar que as relações sociais, a cultura, a efetividade e a qualidade das relações estabelecidas pelo grupo se dão a partir do parentesco, da vizinhança, da religiosidade, das questões étnicas, do trabalho, e da cultura produzida e reproduzida por este grupo de modo geral. Assim como as convergências e divergências dessas estratégias em particular, e a diversidade de estratégias como um todo, além dos cenários dentro dos quais elas se formam também nos é tema de interesse.

Portanto, a agricultura familiar emerge do modelo camponês que possui como algumas características básicas de seu conceito clássico: acesso a terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto, trabalho predominantemente familiar, de forma adicional, auto subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros (CARDOSO, 1987, p. 56; apud ALTAFIN, 2007, p. 2).

De acordo com Sauer (2008 apud SANTOS, 2009) a definição de agricultura familiar ou mesmo de produção camponesa era considerado um trabalho atrasado e que produzia muito pouco, isto é uma produção de subsistência, mas a partir dos processos econômicos financeiros que exigem demanda de maior quantidade e qualidade de produtos, os agricultores inseriram o uso de tecnologia ou de assistência técnica. Desse modo, é importante compreender que a definição de agricultor familiar, não representa atraso, ineficiência e aversão ao mercado. Mas, a partir da condição financeira proporcionada através deste trabalho, os agricultores na amazônia podem superar as dificuldades e buscar melhores condições de vida para as suas famílias, como aponta Junior (2020).

As novas estruturas, mesmo que minimamente, dão condições aos agricultores que permitem que seus filhos tenham acesso ao ensino superior e a cursos técnicos de capacitação. É um avanço rural Agricultura familiar na Amazônia Legal que tem sido possível apenas em algumas comunidades locais de nativos residentes na Amazônia Legal. Investir em atividades agrícolas ou na biodiversidade leva tempo, mas não causa impacto negativo e nem degradação ao meio ambiente em que famílias inteiras vivem à gerações Homma (2003 apud JUNIOR, 2020).

Sendo assim a agricultura familiar, além dessa importância socioeconômica é também uma das maneiras de cultura sustentável, tendo seus conhecimentos e os cuidados com a terra de forma empírica que passa de pai para filhos e netos, entre outros. Esse modo de produção apesar de ocupar pequenos espaços de terra, ao longo do tempo tem resistido frente ao avanço tecnológico e a expansão do agronegócio por também usar determinados recursos técnicos que ajudam o agricultor a produzir.

É preciso também que se compreendam alguns conceitos além de agricultura familiar, como o conceito de família de Caráter Empresarial e de propriedade familiar que para o Estatuto da Terra (Lei 4.504/64), inciso II, do art. 4º, “propriedade familiar é o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência [...]”. Esse tipo de propriedade não beneficia apenas uma pessoa, mas está ligada ao pertencimento da família que planta e cultiva a terra para ter seu sustento, ora vendendo seus produtos dentro ou fora da comunidade, ora consumindo, sendo esse consumo uma das características fundamentais dessa agricultura, que é a garantia do alimento familiar.

Família Agrícola de Caráter Empresarial, ou o chamado “verdadeiro agricultor”, cuja lógica de reprodução social é determinada pela realização de uma produção orientada para o mercado, obedecendo a satisfação de índices de rentabilidade e de produtividade crescentes: caracteriza-se por uma conjunção de fatores econômicos, técnicos a uma situação patrimonial e social favorável à rentabilização da exploração. (SALVOD; CUNHA. 2010, p. 27).

A partir dessas duas definições de agricultura nota-se então que a principal diferença entre elas está na obtenção do lucro, onde a primeira, se fundamenta na produção para a sobrevivência da família, considerando a atividade agrícola como uma forma de sustento dos valores culturais e principalmente de alimentos. Sobretudo, porque boa parte dos alimentos produzidos são consumidos pelas próprias famílias. Enquanto que a segunda busca à acumulação de capital, com a exploração da atividade agrícola.

Além disso, a terra não é vista como um meio de se adquirir lucro, mas uma forma de manter-se a família naquele espaço, o que também é muito diferente da agricultura patronal, vinculada a grande propriedade rural. Pois contribui para a exclusão social do agricultor, que segundo Veiga (1996, p.

383), "engendra forte concentração de renda e exclusão social, enquanto a agricultura familiar, ao contrário, apresenta um perfil essencialmente distributivo, além de ser incomparavelmente melhor em termos sócios culturais".

É notório em meio às pesquisas bibliográficas que no decorrer de seu histórico, a agricultura familiar brasileira, sempre enfrentou consideráveis dificuldades, pois nem todos os sujeitos atuam na mesma condição, isto é, não possuem uma porção de terra considerável para o sustento, isto é muitas famílias são minifúndios, que de acordo a Lei nº 8.629/1993 (Art. 4, II e III) é entendido como o imóvel rural com uma área inferior a 1 módulo fiscal. Como ressalta Salvod e Cunha (2010): "No Brasil a agricultura familiar é bastante diferenciada, pois algumas famílias possuem poucos hectares de terra que dificilmente servem de base para produzir-se de forma sustentável", ou seja, é muita terra no país em poucas mãos.

Além disso, para Reis (2008, p. 33) "a agroecologia expressa em seus princípios que para sua prática é necessário o ser humano ser desenvolvido e consciente, com atitudes de coexistência e não de exploração para com a natureza". E é nesses aspectos que a agricultura familiar se destaca, pois no que se refere à sustentabilidade, o modo de usar a terra para produzir os alimentos necessários para o sustento familiar, a frequente preocupação dos integrantes da família para que esse mesmo recurso futuramente esteja disponível para os seus descendentes.

A Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD), define que o desenvolvimento sustentável é referido como "aquele que é capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações". No entanto, para que ocorra de fato a sustentabilidade, não se deve taxar apenas o Estado, como responsável, é necessária à participação de todos os agentes da sociedade, uma união das esferas federais, estaduais e municipais e das entidades privadas, e da população civil de uma sociedade, sendo esta última a mais numerosa com uma participação fundamental, ainda que aparentemente com "menor poder" de decisão, que pode ser considerada a partir do momento que cada cidadão utiliza os recursos naturais de forma sustentável de maneira consciente produzindo e também respeitando a natureza. Sendo então para

SILVA (1995 apud Silveira, Ferraz) “um movimento da agricultura sustentável para além do âmbito puramente do progresso técnico, mas também inserido no polo social, político e econômico, principalmente no aspecto ecológico”.

Contudo, para compreender essa relação do homem na esfera da preservação ambiental, é preciso ter um conhecimento do todo, como a cultura de determinada sociedade, se historicamente essa sociedade foi educada a preservar o ambiente, pois numa cultura de agricultura familiar que é muito diversa é possível que determinados integrantes da família não considerem a questão ambiental tão importante, além da proteção do meio ambiente é preciso levar em consideração a questão econômica dos agricultores e a qualidade de vida da população.

A compreensão dos problemas da agricultura familiar e de sua relação com a questão da sustentabilidade só será possível quando a definição das bases interdisciplinares das pesquisas ambientais ocorrerem, levando em conta também a diversidade, a cultura política e a racionalidade econômica dos agricultores, associadas aos métodos participativos de definição de ações coletivas de intervenção. Assim, o significado de agricultura sustentável deve também, a par de considerar as questões de produção alimentar adequada e rentável, proteção ambiental; e conservação de recursos, saúde e segurança, atentar para a preservação da agricultura familiar e equidade social (SILVEIRA; FERRAZ; SILVEIRA 2004, p. 3).

Esses pequenos agricultores costumam trabalhar uma variedade de cultura de plantio, que do ponto de vista econômico é muito importante, sendo possível colher a produção durante o ano todo, pois quando algum plantio está fora de safra o outro já pode estar em fase de colheita, gerando trabalho e conseqüentemente renda constante para o grupo familiar em decorrência da pluriatividade do plantio, como menciona Schneider:

A pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura em uma mesma unidade de produção de indivíduos que pertencem a um grupo doméstico, ligado por laços de parentesco e consanguinidade (filiação) entre si, mas que também podem a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção), que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família. (SCHNEIDER, 2006 apud REIS, 2008, p. 37).

Dessa maneira, percebem-se os trabalhos em conjunto e os esforços desses trabalhadores para terem uma melhor “estabilidade” e conseqüentemente uma vida mais digna no meio rural, a partir da diversidade das culturas e muitas vezes também do trabalho exercido em outras propriedades para adquirir um rendimento extra, a fim de que possa complementar a renda familiar (BEZERRA; SCHLINDWEIN, 2017).

No meio rural existem alguns contrastes onde algumas pessoas lucram bastante, enquanto outras ganham pouco, que nem toda às vezes é o suficiente para seu próprio sustento. Estas contradições também serão objetos de análise nesta pesquisa. Afinal, o campesinato é tão heterogêneo quanto às formas de relação entre o homem e a natureza, não podendo ser considerada como uma forma exata pronta e acabada, como aponta Sousa (2019).

A campesinada se dá por meio das estratégias de sobrevivência para alcançar os objetivos de reprodução social da família, garantindo a posse da terra como também dos meios de produção, tendo no trabalho familiar a composição que particulariza o território camponês na sociedade capitalista. Portanto, o território camponês é orquestrado por permanências e mudanças, criações e recriações constantes, resignificando o território que se posiciona então em resistência à expropriação. (SOUSA, 2019, p.247).

### **3. A COMUNIDADE DE JAGARAJÓ, PRIMEIRAS IMPRESSÕES.**

A comunidade Jagarajó, está localizada no município de Ponta de Pedras na Ilha de Marajó-Pará, situado a uma distância de aproximadamente 13 km da sede do município.

O mapa 1 a seguir demonstra a localização geográfica da comunidade de Jagarajó, objeto de estudo do referido trabalho que se encontra no município de Ponta de Pedras no Estado do Pará-Brasil. O mapa foi elaborado a partir de imagens de satélite disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e processadas através do programa de Geoprocessamento QGIS. É possível observar que a cidade de Ponta de Pedras e a comunidade são localizadas a leste do território municipal e próximo a baía do Marajó.

**Mapa 1 - Localização da comunidade de Jagarajó em Ponta de Pedras-PA.**



Fonte: Andrade (2022).

A primeira visita para a pesquisa na comunidade Jagarajó, ocorreu no dia 14/09/2020 e despertou interesse através de contatos que tive com alguns agricultores, principalmente por suas formas de produção no lugar que trabalham para a manutenção da vida, também em alguns momentos foi possível observar e aprender um pouco de como se dão seus costumes. Nesses contatos e momento vivenciado foi possível distinguir ou simplesmente entender como se configura a relação de trabalho, a partir da observação de relações de parentesco.

Tem-se acesso a comunidade de Jagarajó, tanto pela rodovia PA-154, assim como, pelo rio Jagarajó, como mostra respectivamente as figuras 1 e 2. A rodovia e o rio interligam a comunidade até a sede do município, mas o acesso para Belém só é possível por embarcação ao percorrer a baía do Marajó, uma via hidroviária onde algumas pessoas viajam através de pequenas embarcações e transportam suas mercadorias, principalmente com destino a Belém, a capital do Estado.

**Figura 1-Rodovia PA 154.**

Fonte: Andrade (2021).

**Figura 2-Rio Jaguarajó.**

Fonte: Andrade (2021).

Ao fazer a pesquisa junto aos moradores mais antigos da comunidade, como os senhores Godofredo Ferreira e Claudio Santos, identificou-se que a família pode ser considerada um vetor de iniciação dos processos de formação daquele território, pois foi através da aparentemente simples ação de ocupação de um espaço pelos membros de determinadas famílias que a comunidade foi se formando. Já que ao se ocupar um determinado espaço se é dado o primeiro passo/estratégia para sua conquista, ou seja, da transformação desse espaço em um território em relação ao qual se constrói uma relação de poder, restringindo o acesso. Como garante Freire (apud Olympio 1994, p. 19), “a família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado, nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo [...]”.

Portanto, a família passa a ser como um elemento causador de estabilidade e fixação de raízes, no caso, territorialização, ao passo em que o casamento e até certo ponto uma descendência abundante, possa ser revelada então em força de trabalho e tendem a favorecer a prosperidade econômica da unidade agrícola e, portanto, a permanência no local. Sobre a questão é importante o relato de Senhor Godofredo de Souza Ferreira, de 74 anos de idade, agricultor aposentado e que reside desde jovem na comunidade de Jaguarajó.

Quando eu me entendi já dava pra começar a trabalhar, a gente trabalhava com o papai, bom ai o papai praticamente botou nós pra trabalhar com nosso irmão mais velho, ai depois a gente começou a

casar, e cada um tomou conta de si pra trabalhar, o que é que acontece, antes tinha muita dificuldade, não tinha estrada, não tinha escola, não tinha transporte, não tinha nada. E por essa razão eu sou um analfabeto, que não sei ler, mas tô vivendo no mundo dos sabidos, então o que é que acontece, esse lugar aqui quando eu cheguei já era denominado Jagarajó, ai você me pergunta por que Jagarajó? Porque Jagarajó era tido como um lugar de muita mata, e aqui onde tinha muita mata, tinha muita onça chamada Jaguatirica, e essas onças viviam muito aqui porque jaga de jaguatirica e ajo de lugar eu tenho pra mim, tá? Aqui também teve um tempo que eles também chamavam aqui de Pau Grande, mas eles aplicaram esse nome por causa de outra localidade, mas não era isso porque cada localidade tinha determinado nome. Mas o Pau Grande era lá no Antônio Vieira, onde tinha uma árvore enorme, mas que se acabou. Então teve a chegada de um padre ai que eu não me lembro do nome dele, que foi ele quem trocou o nome de Pau Grande pra Antônio Vieira (Godofredo de Souza Ferreira, 11 de julho de 2021).

Ressalta-se, que a comunidade, hoje denominada e reconhecida como Jagarajó, teve sua origem a partir das mesmas premissas acima citadas, pois conforme relatos dos moradores do lugar, a comunidade começou a se formar a partir das famílias que primeiramente ocuparam o lugar. Segundo Dona Ana Rosa de Castro, 81 anos, que vive no Jagarajó há 51 anos, “para ir até a cidade antigamente, as pessoas precisavam ir caminhando”. Posteriormente, a estrada que dá acesso à comunidade foi feita por algumas pessoas que em troca de sua força de trabalho, recebiam apenas alimentos, uma forma de trabalho comunitário popularmente conhecido na época como “convidado”.

O trabalho de construção da estrada teria sido coordenado pelo Bispo Dom Ângelo Maria Rivalto, como também por uma benfeitora de nome Nella Ramella, que são figuras de destaque também no que diz respeito ao incentivo da agricultura dentro da comunidade. Como também ressalta Maria Raimunda dos Santos Trindade, de 50 anos de idade, sobre as terras na comunidade “é tudo família, tudo herança, mas esse daqui não, esse nosso era da cooperativa que foi a finada Nella que nos deu”. É evidente, tanto na fala de Maria Trindade quanto nas dos demais entrevistados, que a agricultura na comunidade foi acentuada e instrumentalizada por meio dessas duas figuras de destaque, que tinham projetos de cunho filantrópico, observado também em outros municípios. Esses projetos demandam alguns maquinários, que mesmo hoje ainda são difíceis de conseguir, mas que com a organização dos moradores chegavam até a comunidade.

Esse trabalho da cooperativa chegou com o tal de Dom Ângelo e a Nella Ramella, chegou ai eles começaram a implantar essa cooperativa aí, e começaram a juntar, um povo ai pra trabalhar e esse povo ficou a trabalhar. E ela ia pra Europa, ia pra lá num sei pra onde, tanto é que ela conseguiu um recurso lá fora e trazia e aplicava aqui e ela trabalhou muito, desenvolveu um bom trabalho aqui, agora só que o povo não preservaram e por isso acabou a cooperativa, tinha até uma frota de embarcação, toda motorizada, mas tudo isso se acabou, aonde não tinha trabalho ela comprou terreno, ela comprou trator, carro, tudo pra fazer o trabalho, e hoje a cooperativa faliu e não tem mais nada. Teve cada um tomando de conta e se apossando. (Godofredo de Souza Ferreira, 14/09/2020).

Há poucos relatos sobre a história da comunidade no século XIX e tampouco foi nosso objetivo nos ater a essas questões, uma vez que é a partir da consolidação da agricultura familiar em Jagarajó que se forma a estrutura sócio produtiva da comunidade, conforme é conhecido atualmente. Portanto, prossegue-se apresentando o panorama atual da comunidade.

Segundo dados do posto de saúde, a comunidade de Jagarajó possui hoje 126 famílias e 464 habitantes, segundo as pesquisas feitas em 23 de dezembro de 2021. A comunidade também tem como referência outras povoações próximas, como Antônio Vieira, Mangabeira e Rio Fabrica. Contudo, a sede do município de Ponta de Pedras se configura como o principal centro de serviços, sobretudo de comércio para a comunidade, conforme mostra a figura 3, da feira do agricultor, que é destinada para os agricultores das comunidades comercializarem seus produtos.

**Figura3:-** Feira do agricultor localizado no centro comercial da cidade.



Fonte: Andrade (2021).

Assim a sede do município assume importância no que se refere à polarização dos serviços, uma vez que os habitantes de Jagarajó utilizam o espaço da cidade para fazer a comercialização de seus produtos em maior fluxo, pois é dentro da cidade em que se tem um grande mercado consumidor, alguns produtos como, por exemplo, cheiro-verde e maxixe, são vendidos diretamente para feirantes e para os proprietários de supermercados, que vendem para o consumidor final. A principal importância é econômica, mas também existe nessa relação entre o meio urbano e rural a importância da prestação de serviço social, como se observa na fala do Abraão dos Santos de 29 anos de idade, um jovem agricultor que reside na comunidade.

A cidade é muito importante porque lá nos compramos o nosso alimento e recebemos o dinheiro da venda da nossa produção e também vamos procurar recurso de bolsa família, receber a aposentadoria, a gente busca atendimento de saúde, mas a importância maior é da venda do nosso produto da agricultura que nos tem e a gente vende muito só aqui para a cidade. (Abraão dos santos,06/11/2021).

Alguns serviços são oferecidos na comunidade de Jagarajó, como educacional. Em seu território há uma escola, que até certo tempo se chamava Escola Municipal de Ensino Infantil de Jagarajó. Mas, após obras realizadas pela gestão municipal em 2020, substituíram o nome para Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gabriela de Oliveira Rosa, que é o nome registrado na Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). Trata-se de uma unidade de educação que oferece ensino do pré-01 até 3º ano do Ensino Fundamental, após a reforma na qual foram ampliadas mais duas salas. Como mostra a figura 4 a seguir:

**Figura 4 - E.M.E.I.F Gabriela de Oliveira Nobre.**



Fonte: Andrade (2021).

Segundo relatos dos moradores mais antigos da comunidade, mesmo com melhorias recentes, se torna inviável continuar os estudos dentro da comunidade, a justificativa mais usada é porque não se tem todas as séries necessárias para a formação dos alunos, como também se observa na fala da Ana Rosa de Castro, 81 anos: “Ainda não, só tem até a terceira série, por isso alguns alunos precisam se deslocar para a comunidade de Mangabeira, ou para Ponta de Pedras”. Assim também como se observa na fala do Sr. Godofredo de Souza Ferreira, 74 anos: “Olha até que a escola está sendo suficiente para atender, mas ela atende várias comunidades, aí ela fica um pouco encharcada e aí ela não se torna suficiente”. Mas segundo a diretora, professora Melita de Oliveira Rosa, de 42 anos de idade, com as reformas e ampliação que ocorreram em 2018, muitas melhorias foram visíveis, no que diz respeito à qualidade de ensino dentro da comunidade.

Sim, agora já tem estrutura para atender a comunidade, porque antes nós tínhamos 125 alunos, aí funcionava aqui e lá na EMBRAPA, mas como aqui foi ampliado, vai voltar esses alunos pra cá, vai funcionar do primeiro até o quinto ano, mas tem professores todos formados aqui na comunidade, que já fez faculdade, já fez pós-graduação (Melita de Oliveira Rosa, 11/12/2020).

Na comunidade há energia elétrica, principalmente nas residências próximo a rodovia, que é proveniente da concessionária elétrica Equatorial,

mas que é popularmente chamada de “linhão”, fazendo referência a fiação da mesma. Em meio às pesquisas constatou-se que os moradores da comunidade são assistidos pelo Programa Luz para Todos (LPT), que seria um Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso de Energia Elétrica, instituído pelo Decreto nº4.873, de 11 de Novembro de 2003, até ao ano de 2008, que tem como objetivo propiciar o atendimento em energia elétrica à parcela da população do meio rural brasileiro que ainda não tivesse acesso a esse serviço público.

O valor cobrado pela concessionária de energia não oscila muito, sendo aceitável como coloca nosso entrevistado, ao ser indagado sobre a utilização de energia elétrica. “É dessa aqui da energia Para Todos, graças a Deus nossa conta aqui vem pouco, 52; 50 por mês” destacou João Claudio dos Santos Evangelista (Claudinho), de 54 anos de idade.

Há também um posto de saúde, contando com um pequeno número de funcionários, que prestam serviços básicos aos moradores da localidade, com atendimento um tanto quanto deficitário, segundo nossos entrevistados. O mesmo não tem condições de suprir as necessidades das comunidades que dependem de seus serviços, muitas vezes, estes preferem ir procurar na capital do Estado a solução para suas questões de saúde. “O posto de saúde daqui não atende nossas necessidades, a gente prefere ir para Belém, porque o hospital daqui não tem nada”, revela Ana Rosa de Castro, aposentada de 81 anos de idade.

Assim percebe-se que mesmo a sede do município assumindo grande importância no que se refere à polarização dos serviços, a população também busca junto a capital do Estado recursos que o município não oferece, e até mesmo uma oportunidade de mercado mais ampla aos produtos que não encontram vazão dentro da comunidade ou até mesmo no município por terem grande demanda e pouca procura.

Segundo dados da Secretaria de saúde do município na comunidade, têm 126 famílias totalizando 464 moradores, as formas de ocupação dessas residências se dão ao longo da PA-154, às margens do igarapé que fica próximo a baía do Marajó.

É importante destacar que o campo de futebol e o salão que acontecem os eventos são de propriedade particular do Sr. Manoel, ele tenta

manter as despesas com a arrecadação que é realizada durante os eventos, mas esses recursos são insuficientes, por outro lado a prefeitura do município compromete-se em ajudar nas despesas, mas até o presente momento em que esta pesquisa foi realizada o Sr. Manduca ainda não se dispôs em ir até a prefeitura para receber essa ajuda.

Também na comunidade há uma igreja católica com um salão ao lado onde ocorrem missas, sorteios e bingos, mas por causa da pandemia apenas estão sendo realizadas eventualmente algumas missas.

Desse modo, é possível perceber que a comunidade é formada por um pequeno povoado, com poucas opções de lazer, mas que os moradores se esforçam para realizar eventos a fim de promover entretenimento entre si. Além desses espaços mencionados acima, é importante mencionar que os moradores têm a opção de frequentar a “praia do amor”, um local muito frequentado principalmente pelas pessoas que residem na sede do município.

#### **4. ASPECTOS AMBIENTAIS, ECONÔMICOS E TERRITORIAIS.**

A paisagem de Jagarajó que se observa hoje desperta interesse em pensar na diversidade e abundância de recursos que este território abrigou em sua origem e no início de sua ocupação efetiva, que segundo os moradores mais antigos da comunidade, era composto de uma vasta paisagem de matas em maior extensão, além de uma variedade de espécies de animais, hoje quase inexistentes que não eram na época tão impactadas e degradadas pela ação antrópica.

Apesar disso, o primeiro marco de alteração e degradação dessa paisagem de que se têm relatos, refere-se ao final da década de 80, quando por iniciativa filantrópica do então responsável pela Paróquia Municipal Dom Ângelo Maria Rivalto, juntamente a benfeitora Nella Ramella, que tiveram sua parcela de contribuição na degradação do ambiente da comunidade. Pois ao fundarem uma cooperativa de agricultores dentro da mesma, trouxeram maquinários pesados que foram utilizados, tanto para arar a terra, como para abrir as principais vias de acesso, levando assim a retirada de boa parte de uma vegetação até então intocada.

É claro que o desmatamento e outros processos decorrentes da intensificação do cultivo de agricultura de subsistência a partir da década de 90

foram também transformando gradativamente essa paisagem, e assim ocasionaram alguns impactos sobre o ambiente, sobretudo no tocante ao solo. Contudo, a atividade agrícola ainda permitiu que a comunidade crescesse em consenso com o meio, promovendo uma agricultura diversificada no tocante à produção agrícola, pois há uma grande variedade de produtos cultivados na mesma, variando de hortas e pomares. Como observamos na fala de nossa entrevistada, Maria Raimunda Trindade.

Meu sítio é variado, como diz os meninos da EMATER, é tipo uma salada, de tudo tem um pouco, da parte de fruta eu tenho cupuaçu, cacau, açaí, coco, acerola, maracujá, graviola, bacuri, bacaba, limão, laranja, ingá, goiaba. (Maria Raimunda dos Santos Trindade, 11/12/2020).

**Figura 5** - Área preparada para receber o plantio de mandioca.



Fonte: Andrade (2021).

A imagem acima ratifica a importância sustentável da agricultura familiar, pois percebe que o agricultor utiliza pequenas áreas para realizar sua plantação. O processo para realizar a plantação não é tão simples, é preciso escolher terrenos arenosos, pois irá facilitar o desenvolvimento e a colheita dessa raiz no solo, em seguida eles cortam, queimam e retiram toda essa vegetação queimada.

A maioria dos agricultores não aram a terra por não possuírem maquinários que possa realizar esse serviço, geralmente eles esperam o período de um mês antes do início das chuvas do inverno amazônico para então realizar a plantação das maniva-semente (haste) que são plantadas em

posição vertical num espaçamento acerca de 0,80cm. A partir de 6 meses do plantio a mandioca já pode ser retirada para o consumo, mas em sua maioria ela é retirada em média no período de um ano. É importante sempre manter a roça limpa de plantas invasoras, pois elas dificultam o desenvolvimento da mandioca.

A plantação de mandioca é muito importante economicamente e principalmente cultural, pois a partir da folha dessas plantas são feitas as maniçobas; a partir da raiz é feita a farinha de mandioca, a tapioca e o tucupi entre outros. Essas diversas comidas são típicas da cultura paraense e que de certo modo são bastante consumidas e vendidas dentro da própria comunidade de Jagarajó e na sede do município.

Segundo os moradores, a melhor ocasião para vender seus produtos é em datas comemorativas, principalmente feriados religiosos, pois produtos como o pescado e aves são bastante comercializados nesses períodos. Durante a semana Santa, o pescado produzido por alguns moradores é bastante procurado, principalmente o tambaqui.

Já na época de círio, além da procura por frango “caipirão” e por pato, há também a procura pela “maniva”, que é a folha da macaxeira processada ou moída, usada para a produção da maniçoba (comida típica do Estado do Pará), que é retirada de alguns roçados dentro da comunidade e comercializada tanto in natura ou até mesmo pré-cozidas.

E se tratando da construção sociocultural a agricultura se faz muito presente, principalmente nos populares “torneios” e “congressos”, pois as premiações ofertadas derivam muito do que se cria e se planta na comunidade. Os “torneios” seriam eventos esportivos, onde times formados na comunidade e até mesmo de outras comunidades, competem entre si, por meio de jogos de futebol, para ganhar um prêmio que na maioria das vezes é proveniente do que se produz na comunidade, como porcos, peixes, frangos ou até mesmo frutos, como o açaí.

É importante destacar a figura do Sr. Manoel conhecido como seu “manduca” de 55 anos de idade que é responsável por realizar esses torneios, com comidas típicas, como o festival do camarão; do charque entre outros, mas esses eventos foram proibidos por causa da pandemia e quando ocorrem seguem com redução de públicos.

Antes da pandemia eu fazia o festival do camarão, do charque, festival do turú, até os jogadores de bola “gigante do norte” vieram jogar, eu trabalhava mais com campeonato de futebol, dava doze quatorze times dava muito ribeirinhos, eu fazia entremeado, mas depois o pessoal daqui pediram pra mim fazer só com o pessoal daqui, mas dava muita gente muito mesmo, mas parou por causa da pandemia. (Manoel conhecido como Manduca 01/07/2021).

Já os “congressos” são eventos organizados pelos evangélicos da comunidade, sendo uma festa de caráter religioso, mas que se realizam sorteios para custear o mesmo, de modo que as pessoas da comunidade doam porcos, aves, ou frutas (açai) para a realização do sorteio.

O que nos direciona a atenção para o significado presente na grafia da palavra agricultura (PORTO-GONÇALVES, 2006), ressaltando que é através da qual se nota a indissociabilidade de homem e natureza, demonstrando a relação existente entre a cultura promovida e expressa pelo homem e a natureza que por ele transformada. (DANTAS, 2011, p.30).

O tema foi escolhido a partir da premissa de que a agricultura corresponde a uma atividade econômica muito importante que gera distribuição de renda equilibrada entre os componentes de uma determinada região e principalmente porque essa atividade se baseia na conscientização ambiental, sobretudo porque o agricultor familiar geralmente tem um sentimento de pertencimento daquele espaço, e por isso o preserva. Segundo Vanderley (2004).

O agricultor familiar se apresenta, em tal pacto, como aquele que conhece de modo especial e detalhado a terra, as plantas e os animais que são seus, e que, por esta razão, sente-se comprometido com o respeito e a preservação da natureza (VANDERLEY, 2004, p. 17).

No entanto, ainda que as produções variem em suas escalas de plantio é preciso compreender que o agricultor familiar não deve apenas manter-se trabalhando de forma tradicional, mas deve também fazer uso de outros recursos, proveniente dos avanços tecnológicos e da formulação de novas técnicas. Que não só facilitam o trabalho, mas que estejam em consonância com a manutenção da terra.

Os agricultores familiares são portadores de uma tradição (cujos fundamentos são dados pela centralidade da família, pelas formas de produzir e pelo modo de vida), mas devem adaptar-se às condições modernas de produzir e de viver em sociedade, uma vez que todos, de uma forma ou de outra, estão inseridos no mercado moderno e recebem a influência da chamada sociedade englobante (VARDERLEY, 2004, p. 56 apud LAMARCHE, 1993).

A comunidade de Jagarajó foi então escolhida, porque é uma das comunidades no município que mais se destaca no que diz respeito à produção da agricultura familiar, segundo dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER) a comunidade teve uma produção total ano de 2020 de (132.210 toneladas), destes 126.000 toneladas são apenas do fruto açaí, outro motivo que levou a escolher a comunidade foi por ter relações de amizade que estabelecemos com alguns residentes da comunidade. Desse modo, foi em meio a esse contato que podemos observar os desafios enfrentados pelos moradores da comunidade, como também as condições econômicas daqueles que dependem exclusivamente das atividades agrícolas como a única forma de renda familiar para sua sobrevivência.

Historicamente os pequenos agricultores de Jagarajó enfrentam algumas dificuldades, com destaque para a falta de assistência técnica no plantio, principalmente no intenso trabalho de arar a terra, assim como, a questão da logística para transportar seus produtos e vender na sede do município, pois percorrem a rodovia PA-154 em péssimas condições de tráfego. “A nossa estrada está muito precária, entra prefeito sai prefeito e nunca é resolvido isso aí, tem vezes que o carro atola, mas nunca estragou a nossa produção, porque a gente sempre dá um jeito de transportar”. (Abraão dos santos, 06/11/2021).

Assim, entendemos ser importante apresentar as dificuldades desses trabalhadores diante da sociedade, explanando quais motivos levam os agricultores a enfrentar diversos problemas dentro do seu espaço de trabalho, assinalando supostas alternativas que os agricultores podem seguir, a fim de amenizar tais problemas.

Para Dantas (2011) foi através da observação da paisagem, da organização do espaço, aliadas à etnografia, que se buscou alcançar alguns aspectos da realidade agrária da comunidade, partindo da lógica de reprodução social da agricultura familiar e do campesinato no Brasil. A

experiência obtida no interior da comunidade, embora curta, permitiu a percepção e, em alguns momentos, até mesmo a vivência temporária, de seus dilemas, suas necessidades e dificuldades, seu modo de produção e reprodução, como ressalta Dantas (2011).

Os efeitos e influências da “globalização perversa” diante do modo de produção agrícola e a “vida de relações” do meio rural, transformando essas realidades de tal modo que o autor aponta para a configuração de uma nova agricultura, a qual ele denomina “agricultura científica globalizada”, onde as principais características dessa nova agricultura constituem a dependência tecnológica do pacote da *Revolução Verde* e o controle do mercado global sobre a produção agrícola. Ressalta que nas áreas onde essa agricultura científica globalizada se instala, verifica-se uma importante demanda de bens científicos (sementes, inseticidas, fertilizantes, corretivos) e, também, de assistência técnica Santos (2007 apud DANTAS,2011 p. 58).

Dito isto, faz-se necessário mais salientar que esses aspectos estão presentes na produção agrícola da comunidade de Jagarajó, embora em escalas mínimas, tendo reflexos diretos e/ou indiretos em sua sustentabilidade e territorialidade. Portanto, seria importante que se compreenda a totalidade do circuito econômico da agricultura familiar no município, em relação aos caminhos que a mesma percorre, desde a primeira etapa, passando pela produção, colheita, armazenamento, comercialização, até se chegar à etapa final, que é o consumo.

## **5. O TRABALHO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE DE JAGARAJÓ.**

### **5.1 Os tipos de plantio.**

Na comunidade de Jagarajó há aposentados e servidores públicos, mas a principal fonte de renda em que se baseia a economia local provém da agricultura familiar através das produções agrícolas a seguir. O extrativismo do fruto açaí, feijão-caupi tipo manteiguinha, cheiro-verde, maxixe, melancia, coco, banana, limão, manga, jerimum, acerola, cupuaçu, laranja, tambaqui, frango caipira, mandioca e seus subprodutos tais como, farinha de mandioca, tucupi, folha da maniva e a tapioca.

## **5.2 Produções agrícolas na comunidade.**

Segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), na comunidade de Jagarajó são atendidos apenas 25 agricultores, mas têm acerca de 60, alguns desses agricultores preferem trabalhar de maneira informal, isto é, sem regularizações, que em determinados momentos dificultam o trabalho da própria instituição, muitos desses produtores só se interessam em emitir a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) em função dos Programas do Governo, como os financiamentos e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e também para ser inscrito na feira do produtor rural na sede do município, pois essa declaração foi um dos critérios que a Secretaria de Agricultura do município o exigiu.

Segundo a EMATER e a Secretaria de Agricultura do município, que são os dois departamentos de governo que presta auxílios a agricultura familiar, informaram que enfrentam dificuldades em obter informações da quantidade da produção agrícola, porque muitos agricultores a medida que produzem vendem esses produtos e não fazem anotações para se ter o controle do quanto se produziu. Logo, muitos dados estatísticos se baseiam em estimativas.

Segundo informações da EMATER, no ano de 2020 a produção total do extrativismo do açaí foi de 126.000 toneladas e a produção no de 2021 foi de 134.442 toneladas.

No tempo da benfeitora Nella Ramella, a comunidade de Jagarajó produzia muito mais que hoje, mas dentre as comunidades no município de Ponta de Pedras que se baseiam na agricultura familiar a comunidade de Jagarajó é a que mais se destaca no que se refere produção agrícola de hortaliça e fruticultura, com exceção do extrativismo do açaí, pois outras comunidades atreladas a grandes propriedades rurais têm produções superiores de açaí em comparação com a comunidade de jagarajó. Mas considerando apenas o trabalho da agricultura familiar, segundo a Secretaria de Agricultura, por exemplo, 50% de toda produção de feijão-caupi em Ponta de Pedras no ano de 2021 foi produzido na comunidade de Jagarajó.

Essas demais produções na tabela abaixo também demonstram um crescimento no período em que foram realizadas as pesquisas deste trabalho, isto é, no ano de 2020 e 2021.

**Tabela 1.** Produção da fruticultura na comunidade de jagarajó.

<b>Produtos</b>	<b>Ano de 2020</b>	<b>Ano de 2021</b>	<b>Crescimento em %</b>
Açaí	9.000,00/latas	9.603,00/latas	6,7%
Banana	70,00/cachos	100,00/cachos	30%
Coco	1.000,00/frutos	3.000,00/frutos	200%
Limão	2.000,00/frutos	3.000,00/frutos	50%
Acerola	100,00/kg	200,00/kg	100%
Laranja	2.000,00/fruto	3.000,00	50%

Fonte: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER) e Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI). (2021)

Nota-se que todos os produtos tiveram crescimento significativo, apesar de o fruto açaí ser o mais produzido na comunidade, foi o produto que teve o menor percentual de crescimento. No entanto, pela expressiva quantidade produzida se mantém como a produção mais importante economicamente na comunidade.

Considerando o ano de 2020, que foi o início da pandemia e que os produtos e serviços sofreram aumento, os agricultores da comunidade ficaram otimistas com os elevados preços da venda do fruto açaí e buscaram trabalhar mais intensamente no manejo do açazal para aumentar suas produções atingindo no ano seguinte um crescimento de 6,7%.

Os preços elevados influenciaram os agricultores a aumentar a produção agrícola dos demais frutos como, banana, coco, limão, laranja e acerola, este último, por exemplo, aumentou em 100%.

Segundo a Secretaria de Agricultura o aumento tanto dos produtos da fruticultura quanto da hortaliça também são resultado da assistência técnica prestada a alguns agricultores que nos últimos anos não ocorria, como se observa na fala do secretário municipal de agricultura Sr. Marineu Barbosa dos Santos. “Estamos ajudando em assistência técnica uma boa parte do jagarajó principalmente aqueles que têm procurado a secretaria, a gente tem assistido, ajudado com sementes de hortaliça”. Um exemplo é o seu Raimundo Barros

Alves de 72 anos de idade produtor na comunidade como mostra a Figura 6 abaixo, este que trabalhava sem acompanhamento técnico, mas a partir do momento que procurou a EMATER e a secretaria de agricultura, passou então a produzir mais melancia, feijão manteiguinha, criação de peixe o extrativismo do açaí.

**Figura 6-** Melhor produção após acompanhamento técnico.



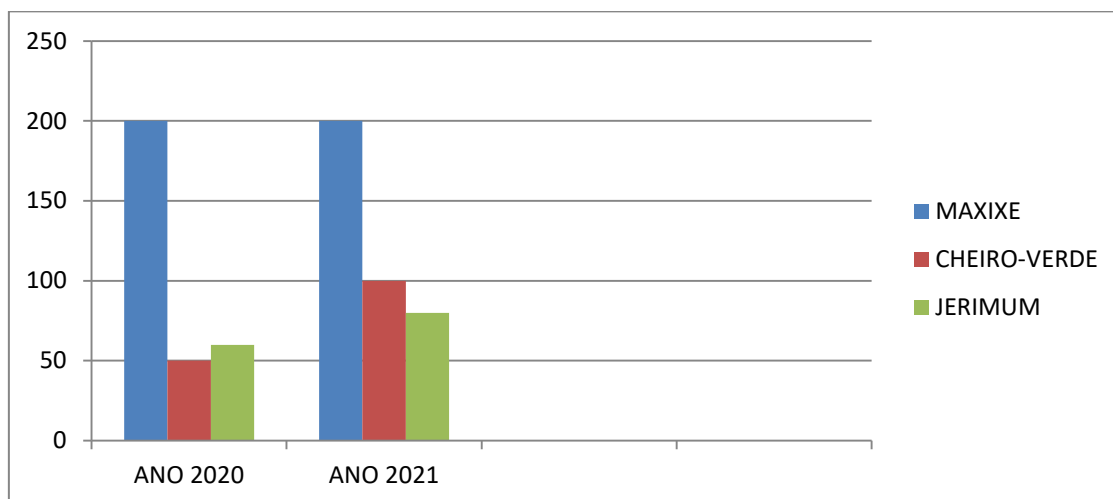
Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI) (2021).

Além da assistência técnica que é muito importante para aumentar a produção, há alguns produtores que têm acesso ao financiamento do Banco através programa PRONAF FLORESTA<sup>1</sup>. Em síntese, este financiamento com juros baixos e em longo prazo, visa auxiliar agricultores através de empréstimos para o agricultor fazer o manejo de sua propriedade a fim de melhorar suas produções como mostra o gráfico 1 a seguir.

---

<sup>1</sup>Segundo o Banco do Brasil, o PRONAF Floresta oferece crédito para investir em sistemas agroflorestais, exploração extrativista ecologicamente sustentável, plano de manejo florestal, incluindo os custos relativos à implantação e manutenção do empreendimento, recomposição e manutenção de áreas de preservação permanente e reserva.

**Disponível em:** [legalhttps://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial](https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial)

**Gráfico 1.** Produção de algumas hortaliças do ano de 2020 e 2021.

Fonte: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER) (2021).

É possível observar que a produção do maxixe permaneceu na mesma quantidade do ano anterior, no entanto os agricultores aumentaram sua renda porque no ano de 2020, o centro era vendido a 15 reais e no ano seguinte o preço subiu para 40 reais o centro. Diferentemente do maxixe, a produção de cheiro-verde dobrou de 50 maços para 100 maços e a produção de jerimum aumentou de 60kg para 80kg, o preço tanto do cheiro-verde quanto do jerimum tiveram pequenos aumentos.

### 5.3 Formas de acesso a terra na comunidade, o uso do trabalho familiar.

O Bispo Dom Ângelo Maria Rivalto, assim como, a benfeitora de nome Nella Ramella, foram pessoas importantes na construção do trabalho da agricultura na comunidade, eles incentivaram os moradores a se dedicarem ao trabalho da agricultura. Inicialmente eles pagavam diárias para os moradores trabalharem na própria propriedade rural, em seguida a benfeitora Nella Ramella, criou uma cooperativa e através de doações financeiras que recebeu comprou para a cooperativa máquina agrícola e terras em várias comunidades para os agricultores trabalharem. Após alguns anos a cooperativa entrou em declínio por conta da má gestão dos presidentes e da união de seus membros, logo as propriedades foram sendo divididas entre alguns membros, as divisões foram injustas, pois alguns receberam pequenas propriedades e nem sequer

algum maquinário da cooperativa, como se observa na fala do agricultor João Cláudio Evangelista de 54 anos de idade.

Boa parte de todas as terras do Jagarajó era da cooperativa, mas com a falência, esse pedaço de terra foi doado para a minha esposa. Aqui na comunidade muitos filhos depois que os pais morreram venderam tudo e só ficaram com o lugar da casa, ainda tem gente que tem terra, mas não querem trabalhar, aqui na minha terra trabalho eu com a minha mulher, mas também eu pago diária para trabalharem comigo, a gente roça no terçado, na enxada e corta de machado. (João Cláudio Evangelista 06/11/2021)

Nota-se que o acesso à propriedade se deu por meio da doação da cooperativa para alguns membros, assim como, os novos proprietários adquirem por meio da compra e venda. Na comunidade há produtores que são minifúndios, isto é, não possuem um módulo fiscal de terra, resultado dessas vendas realizadas pelos herdeiros das propriedades que eram maiores e que, sobretudo seria suficiente para um agricultor familiar produzir e se manter naquele espaço sem a necessidade de realizar trabalhos em outras propriedades.

É possível perceber na fala do seu João Cláudio a dificuldade do intenso trabalho que ele realiza em sua propriedade, é um trabalho braçal sem o auxílio de um maquinário motorizado que se utilizasse reduziria muito o trabalho e conseqüentemente proporcionaria melhor qualidade de vida e aumentaria a sua produção agrícola. Logo o dia-a-dia dos agricultores é de bastante trabalho, eles acordam cedo para ir a roça e geralmente trabalham até as 11h da manhã, voltam para almoçar em suas casas e algumas vezes retornam a roça para trabalhar a tarde.

É importante destacar que geralmente o trabalho é conduzido pelo “chefe” da família e a renda da produção é dividida entre os membros da família. No tempo da Nella Ramella o modo de trabalhar era em grupos, hoje eles admitem que preferem trabalhar de forma individual, ou seja, cada família ser proprietária do que se produz.

Dentre as dificuldades na comunidade, diversos agricultores declararam que recebem pouco apoio da prefeitura e da EMATER, e que com as condições financeiras que possuem conseguem apenas comprar maquinários básicos, como, por exemplo, motosserra, roçadeira entre outros, mas que seria

necessário ter na comunidade uma retroescavadeira que seria suficiente para atender os agricultores a fim de realizar o serviço de limpar e arar a terra, logo uma família precisa trabalhar em união porque apenas uma pessoa trabalhando de forma artesanal não é suficiente para garantir todo o processo de limpar a área, de plantar e colher.

Na reunião chamada de “plano diretor participativo” realizada pela prefeitura no dia 28/03/2021, que ocorreu na comunidade de Jagarajó, os agricultores pediram para a prefeitura arar a terra e foram atendidas, assim como, também relataram a dificuldade para escoar a produção, o órgão público por sua vez se comprometeu a destinar um caminhão para transportar a produção da comunidade até a cidade, mas segundo os agricultores até o presente momento da pesquisa esse transporte não ocorreu.

Outra dificuldade que os agricultores têm é de molhar as plantações, a forma que eles utilizam é bem simples, eles conectam vários tubos de pvc de 25 cm espalhadas na propriedade a fim de que possa facilitar o trabalho para não carregar água a longa distância na hora de molhar as plantações. Mas ainda há agricultores que retiram água com o balde de poço a céu aberto e utilizam o regador manualmente para molhar as plantações.

Outra dificuldade é em relação a leira (plantação de cheiro-verde), porque nenhum agricultor tem estufa para proteger suas plantações das fortes chuvas e do forte calor do sol, logo a cobertura improvisada que é feita de palha não é suficiente para proteger o cheiro-verde, como mostra a Figura 7, por causa da má estrutura nas plantações em determinados períodos do ano a quantidade de cheiro-verde produzido sofre redução. Já houve períodos de dificuldades na quais os agricultores perderam boa parte da plantação por causa de muita chuva que causou inundações.

**Figura 7** - Cobertura da leira feita com folhas secas de coqueiro.



Fonte: Andrade (2021).

#### **5.4 As formas de produção.**

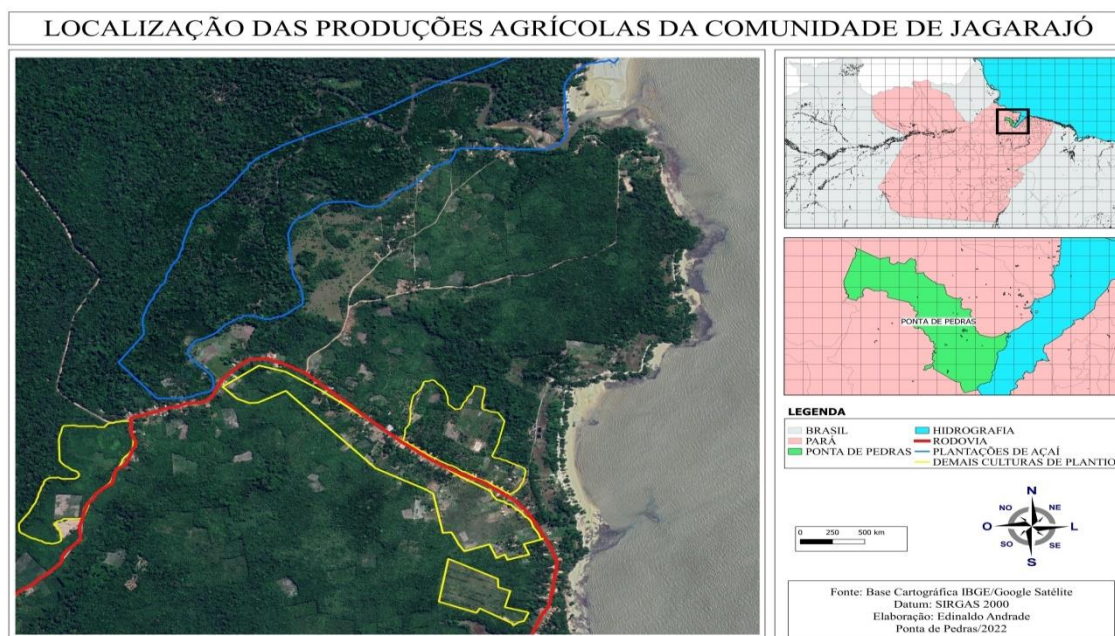
Dentre os modos de produção destaca-se o cheiro-verde e o extrativismo de açaí. O primeiro pode ser plantado tanto no verão quanto no inverno, desde que tenha estufa para proteger, é preciso separar a leira e arar a terra, os agricultores costumam colocar esterco de galinha antes de plantar e depois que o cheiro-verde começa a brotar eles colocam mais esterco novamente para que a planta cresça mais rápido. Durante a terra está fértil o cheiro-verde pode continuar sendo plantado na mesma leira, mas depois é preciso deixar a terra descansar e plantar em outro lugar, caso contrário o cheiro-verde fica amarelo e perde a qualidade e o aroma. Essas informações foram coletadas através do diálogo entre pesquisador e pesquisado e também foram observadas durante os trabalhos de campo da pesquisa.

O açaizeiro é uma palmeira que se desenvolve melhor na área de várzea, mas com o auxílio de irrigação também se desenvolve em terra firme. Quando ainda não se tem o açazal, a técnica para produzir o açaí se baseia inicialmente em limpar a área para plantar as mudas ou a semente do fruto (caroço), em média quatro após o plantio a palmeira começa a dar fruto, mas para o açazal continuar produzindo é necessário fazer o manejo para não deixar a touceira com muitos perfilhos, que são as novas plantas que brotam das touceiras maiores, pois esses perfilhos competem entre si dificultando o

desenvolvimento dos cachos, logo os agricultores cortam retirando as palmeiras baixas que produzem poucos frutos, também retiram as palmeiras muito altas, tortas e finas, deixando no máximo cinco palmeiras adultas em cada touceira.

O fruto açaí, por ser o mais expressivo em quantidade, abrange a maior área de extensão territorial separada das demais culturas. Por ser uma cultura de várzea, as plantações de açaí se concentram próximas do rio isoladas das demais culturas que são plantadas juntas uma das outras e se concentram próximas da rodovia PA-154, como mostra a imagem 1 a seguir.

**Imagem 1-** localização das produções agrícolas da comunidade de Jagarajó.



Fonte: Google Earth (2022).

A imagem de satélite do programa Google Earth acima representa a localização geográfica da área produtiva da comunidade de Jagarajó. Nessa imagem é possível observar que foi feita algumas edições com linhas em cores diferentes sendo; vermelha, azul e amarelo; a primeira cor representa a única rodovia que tem na comunidade, a rodovia PA-154; a cor azul representa a área do extrativismo de açaí e a cor amarela representa as demais produções, isto é acerola, feijão-caupi tipo manteiguinha, cheiro-verde, maxixe, melancia, coco, banana, limão, manga, jerimum, acerola, cupuaçu, laranja, tambaqui, frango caipira, mandioca.

Essas demais produções são plantadas juntas em uma mesma área e geralmente bem próximas às residências, por esse motivo nessa escala da imagem de satélite didaticamente não é possível demarcar diferenciando detalhadamente uma cultura da outra. Desse modo, a área do cultivo de açaí é a única separada das demais, logo foi possível destacar apenas com uma cor diferenciando dos demais plantios.

As imagens obtidas desse programa Google Earth estão disponíveis e podem ser acessadas gratuitamente através do programa instalado no computador, assim como, baixando o aplicativo na loja virtual Play Store ou através do navegador Chrome na web.

As utilizações das imagens são muito importantes, pois permite observar a paisagem diferenciando um elemento do outro em cores e dimensões diferentes, como à vegetação, a praia, o rio, a rodovia, as residências entre outros.

Como ressalta Martins; Seabra; Carvalho (2013, p. 2659) “O Google Earth pode ser utilizado como ferramenta que permite a visualização de qualquer local na Terra a partir de imagens de satélite e modelos tridimensionais do terreno”.

### **5.5 A demanda para atender o mercado.**

A maioria do que se produz na comunidade é comercializado na cidade de Ponta de Pedras, pois os agricultores de certo modo são unidos para venderem seus produtos, quando um agricultor não tem determinado produto, mas já tem destino para ser comercializado eles negociam entre si ou indicam algum produtor de dentro da comunidade para os compradores interessados.

Os produtos, feijão-caupi tipo manteiguinha, cheiro-verde, maxixe, melancia, banana, limão, manga, jerimum, acerola, cupuaçu, laranja, tambaqui, frango caipira, mandioca e seus subprodutos tais como, farinha de mandioca, tucupi, folha da maniva e tapioca são consumidos dentro da comunidade e principalmente são comercializado na sede do município, geralmente toda essa produção é suficiente para atender a demanda da sede do município, os agricultores vendem essa produção para os feirantes e para os comerciantes na cidade.

Por outro lado, há produções que são comercializados tanto no município de Ponta de Pedras quanto no município de Belém-PA no distrito de Icoarací, a banana e o coco são vendidos diretamente para o consumidor final e para os feirantes no município, o coco em pequenas quantidades também é vendido para os comerciantes da praia de mangabeira, que fica localizado em outra comunidade, bem próximo da comunidade de Jagarajó, e a manga é comercializada em Belém, em média o centro do coco custa de 60 a 70 reais e o cacho da banana a 20 reais. No entanto, os feirantes de Ponta de Pedras têm mais preferência em comprar as bananas que são vendidas em Belém na feira da Central de Abastecimento do Pará (CEASA-PA).

O feijão manteiguinha não é consumido todo no município e por isso precisa ser vendido para outro município, a Secretaria de Agricultura juntamente com a EMATER reuniram-se com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em Belém-PA na tentativa de colocar rótulo no produto a fim de valorizar e ampliar o mercado do feijão manteiguinha.

Dentre todas as produções, a que mais se destaca tanto em quantidade quanto em valores e mercado é o extrativismo do açaí, pois toda sua produção já tem venda garantida e é destinado para ser vendido na feira do açaí, um espaço localizado no ver-o-peso em Belém-PA.

Considerando que a colheita do açaí é a principal fonte de renda da população do interior do município, alguns agricultores de hortaliça e de outras fruticulturas na comunidade de Jagarajó têm propriedades pequenas que não atendem sequer a um módulo fiscal, estas são insuficientes para o próprio sustento, logo eles saem de suas propriedades para trabalharem em outra fazenda a colheita desse fruto.

Com exceção do extrativismo do açaí que já tem mercado garantido, observa-se que os demais produtos precisam de mercado, logo para que os produtores aumentem suas produções é necessário ter venda garantida desses produtos, e uma das alternativas é vender esses produtos para os Programas do Governo Federal, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Através do dinheiro repassado para estados e municípios, esses programas visam respectivamente a compra de alimento para ser destinado às escolas públicas e para as

pessoas em situação de insegurança alimentar e ainda ao comprar do pequeno agricultor incentivam o trabalho da agricultura familiar.

No início da pandemia no ano de 2020 apenas quatro produtores rurais realizaram duas vendas para o PAA numa quantidade de 3 toneladas. Nesse período da pandemia, esse alimento foi destinado para as famílias em vulnerabilidade social, como, por exemplo, vendedores ambulantes; famílias de baixa renda, entre outros.

Para que o agricultor realize a venda para o PAA é simples, pois não precisa de licitação, logo essa simplificação burocrática facilita a negociação do agricultor familiar com o órgão público, além disso, o agricultor não precisa se comprometer diariamente ou mensalmente em garantir determinada quantidade de produção.

Todavia, para o agricultor realizar a venda para o PNAE a venda é mais complexa e o valor de compra pode ser bem maior, pois o agricultor precisa garantir a quantidade de sua produção para atender a demanda assinada no contrato.

Desse modo, um produtor que tem pouca produção fica impossibilitado de garantir a quantidade e a diversidades de produtos agrícolas, o ideal seria a junção de vários agricultores, isto é, as cooperativas para conseguir atender a demanda de consumo que é alta, por exemplo, se o município decide inserir no cardápio das merendas que as escolas devem oferecer suco natural de acerola, laranja e goiaba, essas frutas precisam está em quantidade e qualidade suficientes para que as escolas produzam a quantidade de suco necessário.

O PNAE por se tratar de um programa mais complexo, não foi instituído no município, pois precisam de um entendimento maior entre diversas instituições, como, Agência de Defesa e Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ), a EMATER, os agricultores e principalmente o gestor municipal instituir o programa no município.

## **6. CONCLUSÃO**

Em virtude dos aspectos mencionados acima, percebe-se a importância da agricultura familiar em dois aspectos; produção de alimentos e geração de emprego, pois segundo a Organização para Alimentação e Agricultura 2019

(FAO) esses produtores produzem cerca de 80% dos alimentos produzidos no mundo e segundo a EMBRAPA 2017 a “agricultura familiar é responsável pela maior parcela dos empregos gerados no campo e representa a maior parte das propriedades agropecuárias brasileiras”.

Essa expressiva importância é vivenciada na comunidade de Jagaraó na qual os agricultores produzem os diversos alimentos, usam para o próprio consumo e vendem para se manterem economicamente. É importante ressaltar que durante esse período da pandemia de coronavírus nas quais muitas pessoas ficaram desempregadas ou perderam suas rendas financeiras, os agricultores da comunidade ao contrário continuaram trabalhando e não tiveram suas rendas tão afetadas, pois o consumo desses produtos agrícolas se manteve e os preços se elevaram.

A comunidade de jagarajó há alguns anos produziu maior quantidade de alimentos do que produz hoje, mas ao longo do tempo perdeu em incentivos fatores comerciais e principalmente a questão tecnológica, geralmente hoje muitos jovens não querem trabalhar manualmente, logo se não tem o maquinário para auxiliar nesse serviço, muitos jovens que seriam os substitutos dos pais e avós preferem trabalhar diretamente em outras profissões, outros jovens seguem buscando melhores condições de vida através dos estudos sistematizados. Mas, há na comunidade um pequeno grupo de jovens que estão unidos e começaram a plantar o feijão manteiguinha.

A agricultura familiar na comunidade ainda é um bom negócio para investir, os produtores deveriam valorizar mais as suas terras investindo na produção, muitos produtores enganosamente acham que não tem mais saída, mas esse trabalho precisa ser realizado em conjunto a longo prazo, eles precisam se organizar para buscar melhorias perante os órgãos públicos. As informações relatadas por boa parte dos agricultores são insuficientes para os órgãos públicos, municipais, estaduais e federais fazerem um bom planejamento. Por outro lado, os órgãos públicos nem sempre são eficientes nos serviços prestados para auxiliar os pequenos agricultores.

No tempo da benfeitira Nella Ramella muitos produtores simplesmente recebiam doações e não lhe era exigido regularização perante os órgãos públicos, logo muitos não se interessavam em se regularizar, porém hoje é preciso que alguns produtores aceitem as mudanças que ocorreram ao longo

dos anos e busquem se regularizar a fim de que possam ter mais facilidade para acessar a empréstimos e programas do governo.

Também é de fundamental importância que os agricultores voltem a se organizar em associações e cooperativas, pois através da união os agricultores terão mais facilidades, por exemplo, para adquirir máquinas, assim como, terão produção suficiente para conseguir acessar o Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) atendendo a demanda da comercialização do Programa.

Na comunidade de jagarajó tem 15 famílias cadastradas no PAA, no ano de 2020 alguns produtores tinham produtos destinados a vender para o PAA, mas a prefeitura comprou apenas de alguns produtores, inclusive estragou melancia na roça do seu Cláudio por não ter para quem vender logo eles precisam e deverão sempre buscar novos interessados em comprar seus produtos.

Segundo a EMATER apesar de juntamente com a coordenadora do PANAE no município já terem realizado várias visitas aos agricultores orientando-os sobre o Programa do Governo, inclusive afirmando que alguns estão aptos para serem inscritos, muitos agricultores, porém não se interessam em inscreverem-se nos Programas do Governo, assim como, alguns não buscam apoio técnico dos órgãos competentes.

No entanto, para aumentar a produção e conseqüentemente a qualidade de vida dos agricultores, os órgãos governamentais e principalmente os próprios agricultores precisam se unir e entender que a partir do trabalho em conjunto e em longo prazo a comunidade terá expressiva produção como ocorreu no passado, paralelamente ao trabalho da agricultura a comunidade poderia explorar o turismo, pois sua paisagem local é muito linda.

**Entrevistados**

<b>Nome dos entrevistados</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Período da entrevista concedida.</b>
Claudio dos Santos	(1939-2022) falecido	Aposentado	11/07/2021
Godofredo de Souza Ferreira	74	Aposentado	11/07/2021 14/09/2020
Ana Rosa de Castro	81	Aposentada	11/12/2020
Maria Raimunda dos Santos Trindade,	50	Agricultora	11/12/2020
Abraão dos Santos	29	Agricultor	06/11/2021
Melita de Oliveira Rosa	42	Professora	11/12/2020
João Claudio dos Santos Evangelista	54	Agricultor	06/11/2021
Manoel	55	Agricultor	01/07/2021
Marineu Barbosa dos Santos	40	Secretário de Agricultura	25/04/2022

## REFERÊNCIAS

ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Faculdade de Agronomia e Medicina veterinária da Universidade de Brasília, FAV/UnB. 2007. 2 p.

ALVES, R; GUTJAHR,A; PONTES, A. **A agricultura familiar e sua importância para os povos amazônicos: o caso do município de Marapanim, Pará**. Revista Pegada – vol. 21, n.3. 2020.

BEZERRA, Gleicy Jardim; SCHLINDWEIN, Madalena Maria. **INTERAÇÕES: Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil**. Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 3-15, 2017.

DANTAS, Taís da Silva. **Desafios da agricultura familiar camponesa e estratégias de resistência territorial na Comunidade São Pedro de Cima**. Juiz de Fora: Ed. Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Humanas Departamento de Geociências Curso de Geografia, 2011. 13 p.

Edson Modesto de Araújo Júnior, Douglas André Roesler y Giovana Goretti Feijó de Almeida (2020): **“Práticas de agricultura familiar na Amazônia Legal, Brasil”**, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, ISSN: 1988-7833, (octubre 2020). En línea: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/10/agricultura-familiar.html>

Gilberto Freire. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994, p. 19.

GUZMÁN, Eduardo Sevilha; MOLINA Manoel González de. **Via campesina do Brasil: Sobre a evolução do conceito de campesinato**, Brasília 2005.

<https://www.ibge.gov.br>

MARTINS, L; SEABRA,V.; CARVALHO,V. **O uso do Google Earth como ferramenta no ensino básico da Geografia**. (p. 2659) Anais XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 13 a 18 de abril de 2013, INPE.

MENDES, Neilson Silva; MARCIEL Dulce Portilho; LUZ Janes do Socorro; Divina Aparecida Leonel LUNAS. **Cultura e território: uma relação de poder com o espaço dominado**. Volume 36, 2015.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, Adebaro. **Estratégias de desenvolvimento local sustentável da pequena produção familiar na várzea do município de Igarapé-miri (Pa)**.

2008. 128. Dissertação de mestre em Desenvolvimento Sustentável, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: Saberes e Práticas**, Porto Alegre: Editora da Universidade, p. 1, 2008.

SALVOD, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. Revista Geografar: **Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná na década de 1970**. Curitiba, v.5, p.25-245, 2010.

SANTOS, Ferreira dos. **Agricultura familiar nos territórios baianos: o programa de desenvolvimento regional sustentável do Banco do Brasil**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Econômicas) Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2009.

SILVEIRA, Miguel Angelo da. FERRAZ; José Maria Gusman. **Sustentabilidade, pesquisa interdisciplinar e agricultura familiar: uma discussão crítica** Disponível em <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream>. Data de acesso 03/05/22.

Site: <http://www.incra.gov.br/o-que-e-propriedade-familiar>. acesso em 09 de novembro de 2020.

SOUSA, Rafael Benevides de. **Campesinização e resistências ao agronegócio do dendê no nordeste paraense**. Revista NERA, v. 22, n. 49, p. 244-270, 2019.

VANDERLEY, M, N Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, 21, Outubro, 2003: 42-61.

VEIGA, José Eli da. Agricultura familiar e Sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.13, n.3, p.383-404, 1996.

ZAMITH, Sônia Maria Agra; ALBURQUERQUE, Cezar de Queiroz. **o modelo de desenvolvimento sustentável promovido pela agricultura familiar em função da preservação do meio ambiente**. V. 2, n. 1. p. 29, 2016.